



do fio à rede  
tecelagem de poço verde

# Do fio à rede: tecelagem de Poço Verde



CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR  
IPHAN / MINISTÉRIO DA CULTURA

Ministério da Cultura

Ministro: Marcelo Calero

**REALIZAÇÃO**

Associação Cultural de Amigos do Museu de Folclore

Edison Carneiro

Presidente: Maria Cecília Londres Fonseca

Instituto do Patrimônio Histórico e

Artístico Nacional

Presidente: Kátia Bogéa

Departamento de Patrimônio Imaterial

Diretor: Hermano Fabrício Oliveira Guanais e Queiroz

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

Diretora: Claudia Marcia Ferreira

**PARCERIA INSTITUCIONAL**

Vale

Parceria regional na realização

Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural

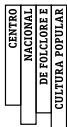
Coordenação técnica: Elizabete Vicari

Coordenação administrativa: Cristiano Mota Mendes

parceria institucional



realização



MINISTÉRIO DA  
CULTURA





## ficha técnica

### setor de pesquisa

Elizabeth Costa

### pesquisa e texto

Marina Zacchi

### fotografias

Francisco Moreira da Costa

### edição e revisão de textos

Ana Clara das Vestes

### produção editorial e diagramação

Avellar e Duarte Serviços Culturais Ltda.

### projeto de montagem e produção da mostra

Luiz Carlos Ferreira

### produção de trilha sonora

Alexandre Coelho

---

D631 Do fio à rede: tecelagem de Poço Verde / pesquisa e texto de Marina Sallovitz Zacchi -- Rio de Janeiro : IPHAN, CNFCP, 2016.

40 p. : il. -- (Sala do Artista Popular ; n.187).

Catálogo da exposição realizada no período de 27 de outubro a 11 de dezembro de 2016.

1. Tecelagem—Poço Verde/SE. 2. Produção artesanal. 3. Artesanato em fio. 4. Tecelão. 5. Poço Verde/SE. I. Zacchi, Marina Sallovitz, org. II. Associação de Cultura Artesanal de Poço Verde. III. Série.

---

CDU 745.52(813.7)

A Sala do Artista Popular, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/CNFCP, criada em maio de 1983, tem por objetivo constituir-se como espaço para a difusão da arte popular, trazendo ao público objetos que, por seu significado simbólico, tecnologia de confecção ou matéria-prima empregada, são testemunho do viver e fazer das camadas populares. Nela, os artistas expõem seus trabalhos, estipulando livremente o preço e explicando as técnicas envolvidas na confecção. Toda exposição é precedida de pesquisa que situa o artesão em seu meio sociocultural, mostrando as relações de sua produção com o grupo no qual se insere.

Os artistas apresentam temáticas diversas, trabalhando matérias-primas e técnicas distintas. A exposição propicia ao público não apenas a oportunidade de adquirir objetos, mas, principalmente, a de entrar em contato com realidades muitas vezes pouco familiares ou desconhecidas.

Em decorrência dessa divulgação e do contato direto com o público, criam-se oportunidades de expansão de mercado para os artistas, participando estes mais efetivamente do processo de valorização e comercialização de sua produção.

O CNFCP, além da realização da pesquisa etnográfica e de documentação fotográfica, coloca à disposição dos interessados o espaço da exposição e produz convites e catálogos, providenciando, ainda, divulgação na imprensa e pró-labore aos artistas, no caso de demonstração de técnicas e atendimento ao público.

São realizadas entre oito e dez exposições por ano, cabendo a cada mostra um período de cerca de um mês de duração.

A SAP procura também alcançar abrangência nacional, recebendo artistas das várias unidades da Federação. Nesse sentido, ciente do importante papel das entidades culturais estaduais, municipais e particulares, o CNFCP busca com elas maior integração, partilhando, em cada mostra, as tarefas necessárias a sua realização.

Uma comissão de técnicos, responsável pelo projeto, recebe e seleciona as solicitações encaminhadas à Sala do Artista Popular, por parte dos artesãos ou instituições interessadas em participar das mostras.



Helofarma  
Cuidado com sua saúde e do outro

# Do fio à rede: tecelagem de Poço Verde

MARINA ZACCHI

O município de Poço Verde está localizado no extremo sudoeste do estado de Sergipe, a 145km da capital Aracaju. Contam que o nome do lugar se deve a um poço que permanecia cheio nos longos períodos de estiagem típicos do clima semiárido da região, em torno do qual a vegetação permanecia verde em qualquer época do ano. Em outros tempos existiu ali, com esse mesmo nome, uma grande fazenda, abrangendo terras de ambos os lados do rio Real, que atualmente marca a fronteira do município com o estado da Bahia.

A principal atividade econômica do município é a agricultura de feijão e milho, que, por serem fornecidos para diferentes regiões do país, são produzidos em grande quantidade, em uma estrutura agrária em que as propriedades pequenas são ainda predominantes. Há também a pecuária de bovinos, ovinos e caprinos, as plantações de girassol e palma, bem como as de mandioca, para a produção de farinha. No inverno, quando as chuvas se tornam frequentes, as roças e os pastos cobrem de verde até a beira dos





caminhos, e os moradores da zona rural têm muito que fazer até que a produção esteja colhida e ensacada. Durante a seca, enquanto aguardam que as chuvas voltem, iniciando novamente o ciclo de trabalho nas roças, resta a eles buscar alguma ocupação que ajude a ir tocando a vida.

Nas feiras de sábado os moradores da zona rural, cerca da metade de uma população estimada em 21.969 habitantes (IBGE 2010), vão à cidade vender os animais de criação, os produtos agrícolas ou outro qualquer de que disponham. Compram alimentos, mas também toda sorte de insumos e utensílios de que por ventura necessitem. Nelas, as tecelãs dos povoados rurais Amargosa II e Malhadinha costumavam encontrar um mercado garantido para as redes de dormir, feitas de algodão em rústicos teares de dois pedais, bem como para os coxonilhos – manta utilizada pelos cavaleiros sob os arreios para tornar a montaria mais confortável –, garantindo a feira semanal para as famílias, sobretudo nos períodos de estiagem.

#### IDAS E VINDAS DO TEMPO

Em Amargosa II, povoado localizado às margens da estrada que liga Poço Verde ao município vizinho Tobias Barreto, a tecelagem artesanal em tear de pedais teve início há algo em torno de cinquenta anos, quando Maria Filha de Jesus se mudou com a família para residir na localidade. Dona Fiinha, como é conhecida por todos, deu continuidade, no povoado, à atividade a que se dedicava desde menina.

Nascida em 1913, dona Fiinha cresceu em um povoado baiano de nome Rainha dos Anjos, localizado à margem do rio Real, a 32km de Tobias Barreto. Começou a tecer ainda criança, auxiliando a mãe. Quando se mudou para Coração de Maria, no município sergipano Simão Dias, já casada, levava entre seus pertences um pequeno tear. Com as redes de dormir e coxonilhos que tecia, dona Fiinha criou os dezenove filhos que vingaram dos tantos que teve com o marido, garantindo a feira e o de vestir, muitas vezes ela mesma tecendo as roupas para as crianças. O trabalho do marido nas roças, meiadas ou de outros, não bastava para tudo o que precisavam.

Os filhos, assim como ela, aprenderam cedo a tecer, auxiliando nas inúmeras tarefas que a atividade envolve. Por ocasião do casamento de sua filha Maria, dona Fiinha fabricou para ela um tear. O pai aprontou a estrutura de madeira. Os liços, muito caprichados, e os pentes, de bambu, foram feitos pela mãe com toda a perfeição. Maria

de Simão, como passou a ser conhecida depois de casada, levou consigo o tear quando seu Abdias e dona Fiinha compraram uma terra em Amargosa II – em acordo com o costume, construiria próximo à casa do pai a sua própria e continuaria tecendo para



Estrada que liga o município de Poço Verde aos povoados Amargosa II e Malhadinha e ao município de Tobias Barreto

ajudar no orçamento doméstico. Como havia boa procura para as redes e coxonilhos, vendidos por encomenda ou nas feiras da região, construiu um pequeno galpão com dois teares, passando a remunerar algumas vizinhas e cunhadas para que a ajudassem com a produção.



Associação de Cultura Artesanal de Poço Verde – Tecelagem Amargosa II

Foi assim que outros moradores do povoado foram se envolvendo com a prática da tecelagem, se identificando, as mulheres já contando com aquele ganho certo. Quando Maria de Simão se viu viúva com os filhos ainda pequenos, decidiu se mudar para Tobias Barreto, tendo em vista a facilidade para adquirir linha e para comercializar as redes. Preocupada com a reação que poderia enfrentar, embora estivesse certo que continuaria mandando trabalho como antes para que aprontassem para ela, partiu no meio da noite. Pela manhã, quando a vizinhança deu pela falta de dona Maria, contam que foi mesmo grande a tristeza. Mas então começou a nascer uma nova ideia.

#### ATANDO NÓS

Por volta de 1990, muita coisa no povoado havia mudado. O posto de saúde e a escola primária já haviam sido construídos e os moradores se habituavam às reuniões para a implantação de programas governamentais voltados à promoção do desenvolvimento econômico da região. Tendo ouvido conversas sobre a existência de programas de apoio a atividades que gerassem renda, uma nora de dona Fiinha que também trabalhava com dona Maria e que já possuía um tear próprio começou a visitar algumas vizinhas levando a ideia de montarem ali uma tecelagem. Dona Doralice,



embora estivesse um pouco desacreditada no início, aceitou o convite, chegando a procurar um técnico que estava no povoado para marcar uma primeira conversa sobre a viabilidade do projeto.

Muitas reuniões e levantamentos foram feitos a partir de então, até que, em 1992, tornou-se efetiva a construção do primeiro galpão de trabalho, em terreno doado por dona Fiinha, ao lado de

sua casa. Com o empenho dedicado por mulheres como Doralice, dona Zefinha e as filhas Renilda e Rosenilda, Lourdes, Maria Madalena, Rosivânia e Eunice, o impacto no povoado foi tão positivo que três meses depois, quando os técnicos responsáveis realizaram a primeira visita de acompanhamento, constataram de imediato a necessidade de ampliação do espaço, tamanha quantidade de pessoas que a atividade já envolvia.

Os primeiros teares foram construídos pelo próprio grupo, com as estruturas feitas a machado por seu Abdias. A montagem dos liços, feitos de algodão fiado no fuso, e dos pentes foi orientada de perto por dona Fiinha. Os primeiros pentes da tecelagem Amargosa II foram feitos de taboca, que as tecelãs iam buscar longe dali, em Vargem da Isca: os talos, muito duros, eram tirados com as mãos da parte externa dos galhos. Dona Fiinha ministrou para as mulheres do grupo um curso em que aprenderam cada uma das etapas da tecelagem, desde o preparo dos instrumentos até o acabamento das peças.



Rosa

Três anos depois de o galpão de trabalho ter ficado pronto, a primeira ampliação já havia também se concretizado, dessa vez pelo Pronese – Empresa de Desenvolvimento Sustentável do Estado de Sergipe –, fazendo com que ele passasse a ter uma área de 12x20 metros. O próximo passo a ser dado era a formalização da associação – a Associação de Cultura Artesanal de Poço Verde foi, finalmente, criada em 2001, envolvendo novos núcleos nos povoados Malhadinha, Rio Real e Nossa Senhora das Lajes. A prática da tecelagem, além das outras parcerias já consolidadas, passou a integrar o Programa Artesanato Solidário – Artesol, que começava a investir em novas frentes.

#### OUTROS NÓS

Não havia muito que a tecelagem tinha sido implantada em Amargosa II quando Rosilene Fernandes Santos, moradora do povoado Malhadinha, começou a se dirigir para lá diariamente, percorrendo, algumas vezes a pé, outras de bicicleta, os cinco quilômetros que separam os dois povoados. Rosa, como é conhecida, trabalhava tirando linha e fazendo acabamento para dona Zefinha, que lhe pagava pelo trabalho. Tomou gosto pela atividade e logo dominou as diferentes etapas da produção. Em 1993, seu pai, João Antonio Neto, fez para ela a estrutura de madeira do primeiro tear construído em Malhadinha. Rosa fabricou os liços e pentes

e passou a trabalhar com a mãe e algumas irmãs, que auxiliavam tirando linha e com o acabamento, deixando o restante para que ela fizesse, inclusive franjas e varandas.

Outra tecelã residente no povoado Malhadinha iniciou as atividades de tecelagem de maneira muito parecida com a de Rosa. Joseane residia com sua mãe no povoado Saquinho, onde era vizinha de dona Lourdes, outra das dez mulheres que formaram a tecelagem em Amargosa II. Dona Lourdes pagava à Joseane e suas irmãs para tirarem linha para ela e, percebendo o interesse da me-

nina, começou a lhe ensinar o processo. Assim que Joseane sentiu que havia aprendido o bastante, fez a mãe vender uma ovelha que era dela e encomendou seu primeiro tear. Passou a tecer em casa, com a mãe e as irmãs, vendendo, até pouco tempo atrás, suas redes para um rapaz que as revendia na feira de Poço Verde, aos sábados.

Já no fim da década de 1990 surgiu a oportunidade de a tecelagem se estabelecer em Malhadinha, e Rosa foi convidada a ministrar um curso no povoado. No ano de 1999 um espaço foi construído junto à casa em que Rosa morava, em terreno cedido



Tecelagem no povoado Malhadinha





Interior da tecelagem no povoado Amargosa II



por seu pai, e cinco teares e uma urdideira foram adquiridos. O núcleo de Malhadinha passou, assim, a funcionar oficialmente, tendo figurado como parte integrante na formação da Associação de Cultura Artesanal de Poço Verde.

### E HOJE

Dona Fiiinha teceu seus coxonilhos e redes até 2009, quando, aos noventa e oito anos de idade, interrompeu a atividade. A muitos dos filhos de dona Fiiinha a vida acabou por dar outros rumos, por vezes distante dali, de modo que poucos vivem ainda hoje das redes e coxonilhos aprendidos na infância.



Dona Maria, além de tecer redes com seus dois filhos e uma filha em sua casa, em Tobias Barreto, configurando assim uma unidade de produção familiar, mantém em Amargosa II o antigo barracão e dois teares, e ainda manda trabalho para ser feito por seus antigos vizinhos.

Nora de dona Fiiinha, Maria Madalena reside no município de São Cristóvão, no bairro Rosa Elze, mantendo em sua casa três teares, em que tece com seus filhos e neta. Seu filho Adriano ainda reside em Poço Verde, tecendo em sua casa redes, mantas e tapetes que se diferenciam dos demais observados na região por serem feitos em tear de quatro pedais, que aprendeu a utilizar quando acompanhou sua mãe em uma oficina que ela ministrou em Minas Gerais.

Dona Doralice mantinha até recentemente em sua casa dois teares, pagando a alguns vizinhos para tecer para ela, mas precisou interromper a atividade. Rosenilda, filha de dona Zefinha, por sua vez, passou há cerca de cinco anos a residir no município de Lagarto, onde, com as filhas e genros, continua a se dedicar à tecelagem.

Se tradicionalmente a tecelagem na região esteve organizada em unidades de produção de base familiar, apoiadas nas redes de compadrio e vizinhança, em Amargosa II, além dos dois teares que



Joseane, Andreza e Marcelo no interior da tecelagem no povoado Malhadinha

dona Maria ainda mantém no antigo galpão, atualmente a prática está concentrada em torno da Associação de Cultura Artesanal de Poço Verde. Com o apoio de parceiros diversos, as tecelãs e os tecelões do povoado vêm buscando tornar a atividade uma fonte de renda regular. Por meio de projeto desenvolvido pelo Instituto de Pesquisas em Tecnologia e Inovação – IPTI –, algumas modificações foram introduzidas, como o desenvolvimento de novos produtos, projetados por grandes designers nacionais e voltados para um mercado específico e distante, cujo acesso é possibilitado às produtoras justamente por essa mediação.



Keise e Andreza mostrando rede finalizada

Em Malhadinha, a tecelagem vem crescendo e se estruturando. O Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural – Promoart possibilitou a ampliação de melhorias das instalações do espaço de trabalho, a aquisição de novos teares e de mobiliário apropriado e de estoque de matéria-prima, bem como a capacitação de jovens, entre outros. Embora organizada como núcleo de produção, a tecelagem nesse povoado mantém o modelo de produção de base familiar, estando associada, sobretudo, à família de Rosa e à de Joseane.





Encaixe dos pentes e liços



Lançadeira sobre trama no tear

## DO FIO À REDE

No município de Poço Verde as redes pequenas e curtas, preferidas pelo sertanejo, junto com os coxonilhos seguem sendo ainda hoje seus principais produtos. Mas são também produzidas redes grandes e avarandadas, assim como mantas, almo-fadas, cortinas e tapetes.

### Instrumentos

Os instrumentos básicos para a tecelagem são a urdideira, os guia-fios fixo e móvel, o tear, osw liços e pentes, a caneleira, as canelas, as lançadeiras (também chamadas de gamelas, em vista do formato dos modelos mais antigos), o tear de mamucabo e o tear de franja. São também utilizadas agulhas e tesouras.

Os teares são as estruturas de madeira em que são encaixados os liços e o pente e têm sido fabricados por seu de Assis em Amargosa II e por seu João em Malhadinha, com o pau-pereira ou outras madeiras. As tecelãs ensinadas por dona Fiinha, e depois pelo grupo de mulheres que com ela aprendeu, fabricam os próprios



Ferramentas e materiais: franja, canela, novelo, fita métrica, régua e tesoura

liços e pentes com bambu, taboca ou outro graveto que não quebre facilmente. Dada a dificuldade de acesso a esses materiais, Maria de Simão incorporou a ideia do marido de uma irmã que se dedica à tecelagem de redes em Feira de Santana, BA, e passou a utilizar raios de rodas velhas de bicicleta. Os pentes mais novos, contudo, são em geral industriais, possibilitando a produção de peças com larguras variadas, de 1,10, 1,30, 1,50 ou 1,70 metros.



Os fios utilizados na produção são de algodão e devem ser resistentes, macios e não conter resíduos químicos decorrentes do tingimento e da fixação das cores. As tecelãs costumavam adquirir meadas coloridas em feiras livres, sobretudo em Cipó, BA, sobras de urdumes de grandes tecelagens industriais. Em decorrência da modernização dessas tecelagens, o que levou à redução da perda de fios, as tecelãs passaram a ter dificuldade para encontrar as meadas apropriadas, de modo que vem crescendo a utilização do algodão cru e colorido adquiridos em cones no comércio regional ou de fiações industriais.

## O preparo dos fios

“Abrir” e “tirar” a linha são os primeiros passos para a tecelagem quando os fios são adquiridos em meadas. Para que possam ser utilizadas, as meadas são “abertas”, processo em que são retirados os fios quebrados e em que as meadas são divididas em outras menores, um trabalho feito necessariamente em grupo. É então formada uma trança para que os fios não voltem a embarçar.

O trabalho de “tirar” a linha é feito em uma área tão extensa quanto possível a fim de reduzir a quantidade de emendas nos fios. A área é percorrida de uma extremidade a outra com a trança sendo desfiada, em tantas voltas quantas forem necessárias. Quando as tranças já estão completamente desfiadas, passa-se a percorrer o sentido oposto, recolhendo a linha para formar novelos. Em cada extremidade, os fios de linha são contados a fim de que se obtenha a espessura desejada para os fios com que se irá urdir e tecer.



Urdideira de chão e urdideira de parede  
Embaixo: guia-fios sobre urdideira de chão





## Tecer

A tecelagem propriamente dita se divide em três momentos: urdir, “entranhar” o urdume no tear e tecer. Urdir consiste em preparar os fios que irão receber a trama. Possui como base uma unidade de vinte e quatro fios chamada cabristilho. A quantidade de cabristilhos define a largura da peça. Uma rede de um metro de largura possui cerca de vinte e quatro cabristilhos.

O urdume retirado da urdideira é colocado na parte de cima do tear e “entranhado” a partir do fundo. Os fios são passados um a um alternadamente por dentro dos liços. Com o urdume disposto no tear, se passará finalmente ao feito da trama.

Para tecer a trama é necessário primeiro encher as canelas com o auxílio de uma caneleira. As canelas são cilindros metálicos que, encaixados nos ferrinhos estreitos das lançadeiras (também chama-



Vista lateral dos pentes e liços



das de gamelas em razão do formato dos modelos mais antigos), permitirão aos fios correrem soltos. As caneleiras, de diferentes modelos, são máquinas utilizadas no enchimento das canelas.

Os pedais movimentam os liços fazendo com que subam e desçam, e estes, por sua vez, puxam os fios para baixo e para cima de maneira alternada. No espaço que sobra entre os fios de cima e os de baixo, são passados os fios da trama com o auxílio da lançadeira.



Canelas



Caneleira enchendo canela



Lançadeira sobre trama no tear



A cada passagem da lançadeira puxa-se o pente e pisa-se nos pedais para inverter ou alterar a disposição dos liços, conforme se esteja utilizando, respectivamente, o tear de dois ou de quatro pedais. Quando a peça atinge o tamanho desejado, é, então, retirada do tear. Novos nós são dados para que os fios não se soltem dos pentes e liços, e o processo é reiniciado até a última peça da urdida.





Dedé. Povoado Amargosa II



Laçadeira sendo lançada por entre os fios para compor a trama



Dadá. Povoado Amargosa II





Meire "acochoando" os fios que darão sustentação à rede

## Acabamento

O acabamento envolve diversas etapas, sobretudo na produção de redes: "amarrar" ou dar nó nas pontas dos fios que ficam soltos nos dois lados do comprimento; "acochar", que quer dizer torcer em grupos os fios que darão sustentação à rede;



Tecendo no tear de franja



Costurando a franja e a varanda



“colocar a franja”, feita em um pequeno tear portátil e depois costurada à peça; colocar o “maranhão” ou “mamucabo”, que é uma pequena tira tecida em uma versão reduzida do tear de pedais, passando os fios “arrochados” por dentro da trama enquanto se está tecendo—para finalizar o mamucabo, é feito o “belote”, um pequeno tufo nas pontas de fios deixadas no comprimento do urdume dos mamucabos —; fazer o punho, primeiro alinhavando e depois costurando na extremidade das cordas formadas pela torção dos fios; colocar a varanda, que podem ser feitas em macramê ou crochê — no primeiro caso, diretamente no corpo da rede e, no segundo, feita separadamente e depois costurada.

### Qualidade

As redes produzidas em Amargosa e Malhadinha têm os punhos costurados nos próprios fios do urdume, diferentemente



Tecendo no tear de mamucabo



Detalhe mamucabo





Fazendo o punho. Povoado Malhadinha

das tecidas em processo industrial, em que os punhos são emendados. A produção das redes sem emendas possibilita que suportem grande quantidade de peso e que as cordas que a sustentam dificilmente venham a se romper durante o uso. As tecelãs cobram entre si que as redes sejam feitas com fios de boa qualidade, sem muita emenda nos fios e sem que os nós das emendas estejam à mostra; a padronagem deve estar regular e todas as etapas do acabamento bem cuidadas.

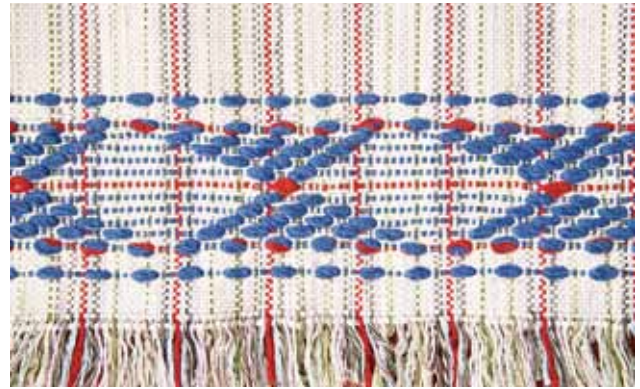




Tear de mamucabo

### Padronagem

No tear de dois pedais, que possui apenas duas folhas de liços, é possível fazer composições com listras e xadrezes, igualando ou diferenciando as cores dos fios do urdume e da trama. Quando as cores dos fios utilizados na trama são diferentes das utilizadas no urdume, resulta um efeito quadriculado bem característico desse tipo de tear. O xadrez largo resulta da alternância de listras de cores diferentes tanto no sentido vertical como no horizontal. Outro efeito alcançado no tear de dois pedais é o rajado obtido pela utilização de fios de cores diferentes misturados na tramagem.





Andreza inserindo motivos gráficos na trama do tear. Povoado Malhadinha

O tear de quatro pedais possui um número maior de liços, o que possibilita a obtenção de um grande número de padrões gráficos mais elaborados, na medida em que é possível ter uma maior variação dos grupos de fios que sobem e descem e sob ou sobre os quais os fios da trama são passados.

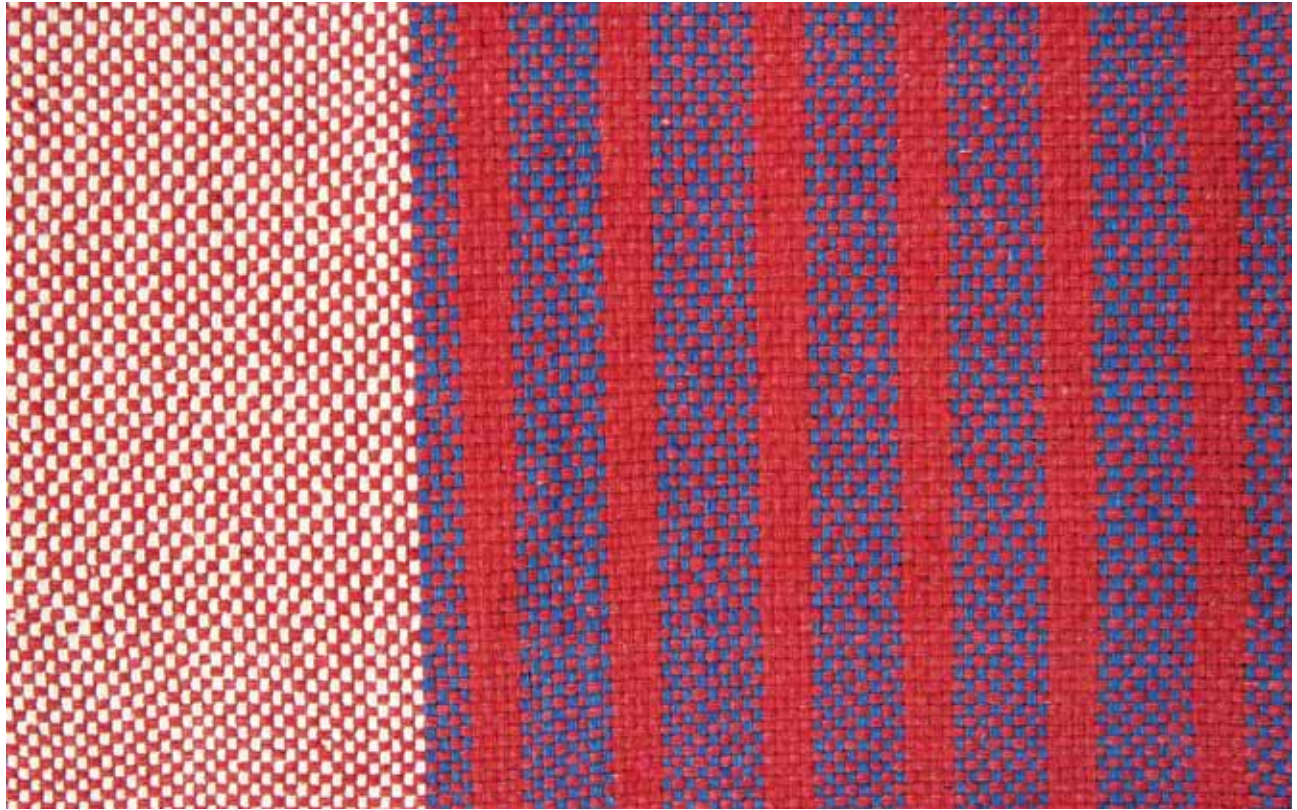
Embora predomine em Amargosa e Malhadinha a utilização do tear de dois pedais, com que é possível tecer redes lisas, rajadas ou de composições variadas de listras e xadrez, o contato que as





tecelãs e tecelões tiveram com o tear vertical e com os padrões que ele possibilita fez com que desenvolvessem uma técnica na qual introduzem fios à parte dos que utilizam para a trama. Esse novo modo de tecer possibilita a decoração das peças com motivos gráficos, figurativos ou mesmo com nomes ou ditos religiosos, bem aceitos nos mercados regionais.







Andreza Eduarda Santos e Carol, Valdeci de Jesus Fernandes, Keise Meirelles, Marcelo Ribeiro de Andrade, Rosilene Fernandes (Rosa), Niule Karoline Fernandes Almeida, Joseane Maria de Jesus Santos. Na frente Júlia e Denise

## DESAFIOS PARA O FUTURO

As oscilações fazem parte da dinâmica de atividades tradicionais, que costumam atrair um número maior de interessados nos momentos em que adquirem maior visibilidade e êxito. Quando esses momentos passam, a atividade retoma seu curso, um pouco modificada pela incorporação de inovações que se acomodaram aos modos de vida daqueles que as produzem. Com a tecelagem de redes no município de Poço Verde assim tem sido.

A tecelagem figura como uma prática bem ajustada ao modo de vida local, possibilitando a realização de outros afazeres e a presença das mulheres em casa, perto dos filhos. Atividade econômica complementar para a época de estiagem, quando o trabalho com as roças cessa, e como um ganho para as mulheres terem “o de fazer” as despesas cotidianas da casa, há ainda muitos desafios a serem vencidos, tais como a regularidade no acesso à matéria-prima e a entrada em mercados em que sejam valorizadas, para que essas peças artesanalmente produzidas alcancem um valor condizente com sua capacidade de expressar o conhecimento e o trabalho que contêm.



José Santos (Dedé), Maria Eliene da Silva (Liene), Rosemeire Santos Santana (Meire), Maria Mônica Santos do Carmo e Ivonete de Jesus Santana (Dadá)

## **Contatos para comercialização**

Sala do Artista Popular | CNFCP  
Rua do Catete, 179 (metrô Catete)  
Rio de Janeiro – RJ cep 22220-000  
tel (21) 3826-6460  
mercado.folclore@iphan.gov.br  
www.cnfcp.gov.br

## **Associação de Cultura Artesanal de Poço Verde**

Tecelagem Amargosa  
Cícera (75) 9917-7891  
Dedé (79) 9651-5617

SE 218, Km 8 – Povoado Amargosa II SN  
Zona Rural – Poço Verde/SE  
CEP 49490-000

Tecelagem Malhadinha  
Rosa (79) 9985-9742

Povoado Malhadinha, s/n Zona Rural  
CEP 49490-000